

## A CIDADE NA FLORESTA: ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL DA EXPANSÃO URBANA EM MELGAÇO- PARÁ, NA PERSPECTIVA PARA UMA CIDADE SUSTENTÁVEL

Marilene Costa Viegas do Monte<sup>1</sup>  
Daniel Araújo Sombra Soares<sup>2</sup>  
Rosana Quaresma Maneschy<sup>3</sup>  
Christian Nunes da Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** A compreensão da Amazônia, a partir de suas cidades originadas na floresta e à margem dos cursos d'água, mais especificamente das pequenas cidades, tornou-se relevante pela gradativa expansão de suas dinâmicas geográficas em direções às florestas, com empreendimentos públicos e privados, que desconsideraram os recursos naturais e as interações, percepções dos modos de vidas ligadas às práticas tradicionais de ocupação do território. Dessa relação pulsam modos de vida que desafiam o poder público a pensar e planejar formas de gestão ambiental da cidade. Nesse cenário, a presente proposição de estudo, analisa a dinâmica urbana frente os desafios dos moradores diante dos impactos socioambientais, vivenciados em Melgaço (2000 a 2020), localizado no ocidente do Arquipélago marajoara, buscando possibilidades em interação com o poder público para a configuração de cidade sustentável. Objetivamos, compreender o sentido da expansão da cidade na floresta, a partir das narrativas dos moradores diante da redução da cobertura florestal, pelos empreendimentos, e do olhar do poder público local sobre o território, com perspectivas para um desenvolvimento justo e sustentável da cidade. Utilizaremos como procedimento metodológico a revisão bibliográfica sobre a temática. Adotaremos como instrumento de coleta de dados questionários e entrevistas. A análise dos dados será realizada à luz da fundamentação teórica, baseando-se na ecologia política, em interface com o pensamento decolonial, bem como, a história, as identidades e práticas sociais de tradições culturais, frente a lógica de desenvolvimento da cidade, imposta pelos empreendimentos, efetivados. Compreendendo que é necessário e urgente proporcionar, um desenvolvimento voltado para a sustentabilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia, Meio Ambiente, Urbanização, Sustentabilidade.

**THE CITY IN THE FOREST: SOCIO-ENVIRONMENTAL ANALYSIS OF URBAN EXPANSION IN MELGAÇO-PARÁ, IN THE PERSPECTIVE FOR A SUSTAINABLE CITY**

<sup>1</sup> Mestranda em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia (PPGEDAM) do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA). Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail:

marilene.monte@yahoo.com

<sup>2</sup> Doutor em Geografia. Docente do PPGEDAM, NUMA. UFPA. E-mail: dsombra@ufpa.br

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Agrárias. Docente do PPGEDAM, NUMA. UFPA. E-mail: romaneschy@ufpa.br

<sup>4</sup> Doutor em Ecologia Aquática e Pesca. Docente do PPGEDAM, NUMA. UFPA. E-mail: cnsgeo@yahoo.com.br

**ABSTRACT:** The understanding of the Amazon, from its cities originated within the forest and on the margins of rivers and bays, more specifically in small cities, has become relevant due to the gradual expansion of its geographical dynamics towards the forests, through public and private, which disregard natural resources and interactions, perceptions of ways of life linked to the practices of traditions in the occupation of the territory. From this relationship pulsate ways of life that challenge the public power to think and plan ways of environmental management of the city. In this scenario, the present study proposal analyzes the urban dynamics facing the challenges of the residents in the face of the cultural and environmental impacts, in the period from 2000 to 2020, experienced in Melgaço, located in the west of the Marajó Archipelago, seeking possibilities in interaction with the public power for the configuration of a sustainable city. We aim to understand the meaning of the expansion of the city in the forest, from the narratives of the residents in the face of the reduction of forest cover, through public and private enterprises, and from the look of the local government on the environmental management of the territory, with perspectives for fair and sustainable development of the city. We will use as a methodological procedure the literature review on the subject in question. We will adopt questionnaires and interviews as a data collection instrument. The data analysis will be carried out in the light of the theoretical foundation will be based on political ecology, in interface with decolonial thinking to understand the meanings produced by residents around the socio-environmental impacts, as well as the history, identities and social practices of traditions cultural activities, in the face of the city's development logic, imposed by public and private undertakings carried out by the public authorities. Understanding that it is necessary and urgent to provide a development focused on sustainability.

**KEYWORDS:** Amazon, Environment, Urbanization, Sustainability.

## **LA CIUDAD EN LA BOSQUE: ANÁLISIS SOCIOAMBIENTAL DE LA EXPANSIÓN URBANA EN MELGAÇO-PARÁ, EN LA PERSPECTIVA DE UNA CIUDAD SOSTENIBLE**

**RESUMEN:** La comprensión de la Amazonía, desde sus ciudades originadas en la selva y en los márgenes de ríos y bahías, más específicamente en pequeñas ciudades, ha cobrado relevancia debido a la paulatina expansión de su dinámica geográfica hacia los bosques, a través de lo público y lo privado, que desprecian los recursos naturales y las interacciones, percepciones de formas de vida vinculadas a las prácticas de las tradiciones en la ocupación del territorio. De esta relación pulsán modos de vida que desafían al poder público a pensar y planificar modos de gestión ambiental de la ciudad. En ese escenario, la presente propuesta de estudio analiza la dinámica urbana frente a los desafíos de los residentes frente a los impactos culturales y ambientales, en el período de 2000 a 2020, experimentado en Melgaço, ubicada en el oeste del Archipiélago de Marajó, buscando posibilidades en interacción con el poder público para la configuración de una ciudad sostenible. Pretendemos comprender el significado de la expansión de la ciudad en la selva, a partir de las narrativas de los pobladores frente a la reducción de la cobertura forestal, a través de empresas públicas y privadas, y desde la mirada del gobierno local sobre la gestión ambiental del territorio, con perspectivas de desarrollo justo y sostenible de la ciudad.

Utilizaremos como procedimiento metodológico la revisión bibliográfica sobre el tema en cuestión. Adoptaremos cuestionarios y entrevistas como instrumento de recopilación de datos. El análisis de los datos se realizará a la luz de la fundamentación teórica que se basará en la ecología política, en interfaz con el pensamiento decolonial para comprender los sentidos producidos por los pobladores en torno a los impactos socioambientales, así como la historia, las identidades y las prácticas sociales. de las actividades culturales tradicionales, frente a la lógica de desarrollo de la ciudad, impuesta por los emprendimientos públicos y privados llevados a cabo por los poderes públicos. Entendiendo que es necesario y urgente brindar un desarrollo enfocado a la sustentabilidad.

**PALABRAS CLAVES:** Amazonia, Medio Ambiente, Urbanización, Sostenibilidad.

## INTRODUÇÃO

Este artigo problematiza o crescimento da cidade de Melgaço em direções às áreas de floresta, no período de 2000 a 2020. A expansão urbana de Melgaço se registra pelo avanço de empreendimentos urbanos, públicos e privados, que culminaram na redução da cobertura vegetal e conseqüentemente em desafios, socioambientais como inundações, elevação da temperatura e redução da floresta. O avanço da urbanização ocorre não somente na *tecnosfera*, mas também na *psicosfera* (SANTOS, 2009), com um gênero de vida urbano se implantando (LEFEBVRE, 2008), e com a perda de práticas culturais rurais, como a pesca, roças, o cultivo de hortas, criação de animais etc.

Melgaço segue o modelo de urbanização apontado por Costa et al. (2021), o qual além de se caracterizar como uma urbanização periférica (SANTOS, 2010), implica na negação dos rios, convertidos em esgotos, através da canalização ou do aterramento. Verifica-se assim que o surgimento de novos bairros na cidade como Taboca, Miritizal e Tucumã estão associados à ocupação das margens da Baía do Melgaço e do Igarapé Tabocal, provocando a formação de lagos temporários.

Verifica-se a redução dos espaços da floresta, *pari passu* com a redução dos sítios e áreas de roça. As margens dos rios e os caminhos da floresta se convertem em ruas, sem arborização. Das 46 ruas do núcleo urbano de Melgaço, apenas 3 apresentam algum tipo de arborização urbana. Percebe-se, assim, que Melgaço segue a tendência da Amazônia brasileira em geral (FENZL et al., 2021), e da Amazônia marajoara em particular (ALVES, 2020), de uma urbanização baseada na supressão das áreas naturais e rurais, com os novos bairros constituindo áreas precárias.

O conceito de sustentabilidade revela um norte a ser seguido para as ações governamentais, em especial a nível local. De acordo com Costa e Vasconcellos Sobrinho

(2018), este ideal não pode apenas estar atrelado ao crescimento econômico, como nos paradigmas iniciais de “desenvolvimento”, conforme havia criticado Rist (2011). Para Costa e Vasconcellos Sobrinho (2018), o desenvolvimento sustentável deve guiar práticas em busca da equidade social, com preservação ambiental, garantindo a melhoria da qualidade de vida, com a efetiva participação dos moradores na ação local.

A situação de Melgaço explicita como são urgentes ações voltadas ao planejamento ambiental do município, em particular de sua sede municipal, na perspectiva de construir uma cidade sustentável. Este artigo se caracteriza como um artigo de aproximação, expondo elementos para a análise (através de dados como uso do solo exposto, recursos hídricos, vegetação e impactos socioambientais) de como a expansão da cidade de Melgaço rumo à floresta tem provocado impactos socioambientais, atingindo grupos e classes sociais seletivas.

De acordo com Leff (2015), faz-se importante desconstruir a racionalidade insustentável da modernidade através de mobilizações sociais na construção de um futuro sustentável. Neste ideal, os recursos naturais devem estar em consonância com as atividades culturais, em um pensamento emancipatório e em uma ética política para renovar o sentido e a sustentabilidade da vida, buscando uma efetiva aproximação entre “espaço conceitualizado” e “espaço vivido” (HARVEY, 2013).

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Nesta investigação, temos como objeto de análise a expansão da dinâmica urbana de Melgaço em direção à floresta e aos corpos hídricos, em especial o Igarapé Tabocal. Para realizar essa pesquisa utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. De acordo com Oliveira (2010), este tipo de pesquisa é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico. Ou seja, são referenciais teóricos que dialogam e orientam para uma análise aprofundada da temática.

No que tange aos aspectos teóricos, além da bibliografia para a compreensão da situação geográfica de Melgaço, e dos processos socioespaciais em questão, buscou-se dialogar com a ecologia política como paradigma norteador. Com Leff (2009), buscou-se aproximar o campo da pesquisa com o diálogo de saberes, e o encontro de discursos, conhecimentos, identidades e territorialidades.

Também foi utilizada a pesquisa documental que se caracteriza pela busca de informações em documentos, e que se mostra essencial para perceber o contexto histórico do local onde a pesquisa está sendo empregada (NACHMIAS; NACHMIAS, 2000). E para a coleta de dados primários, fez-se de uso de questionários e entrevistas. O primeiro utilizado para representantes do poder público municipal, e o segundo instrumento para moradores, com a intenção de registrar narrativas e memórias sobre o processo de expansão da cidade.

Para auxiliar nesse processo de reconstrução da memória social coletiva da cidade em processo de urbanização periférica, fez-se uso da Cartografia Participativa, seguindo a metodologia indicada por Silva et al. (2021), Sombra et al. (2021) e Sombra, Rodrigues e Pinho (2022).

Destarte, de modo geral, a pesquisa se encontra estruturada do seguinte modo: 1) Levantamento de dados bibliográficos referente a temática; 2) Realização de pesquisa documental como mapas, leis, ofícios, entre outros que contribua com a investigação; 3) Realização da pesquisa etnográfica e aplicação do questionário com o poder público local; 4) Pesquisa de história oral e utilização da entrevista juntamente com os moradores; 5) Análise e Sistematização dos dados bibliográficos e das pesquisas de campo.

A utilização do geoprocessamento como ferramenta foi essencial na compreensão da expansão da cidade na floresta, através da elaboração de mapas produzidos no laboratório de Análise ambiental e representação cartográfica (LARC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como base, principal, para a produção da Cartografia Participativa.

Assim, foi possível verificar a antropização em Melgaço, ao longo do tempo, em consonância ao uso do solo. Além disso, o uso indispensável do método das entrevistas dialogadas com os moradores locais e o questionário com o poder público, contribuíram com informações importantes para analisar a redução da cobertura florestal, bem como, dando possíveis soluções que possam contribuir para a amenização das problemáticas socioambientais, vinculadas ao desenvolvimento sustentável da cidade.

Dessa forma, desenvolvendo a natureza da pesquisa qualitativa e quantitativa, considerando o campo de pesquisa geográfica, envolvendo os diversos sujeitos inseridos nesse processo: A referida pesquisa, será de natureza aplicada, uma vez que

pretende realizar a aquisição de novos conhecimentos, tal como verificar os impactos socioambientais sobre a referida cidade de Melgaço. Ao final da pesquisa, ainda em andamento, almeja-se um produto prático, dirigido ao poder público municipal para orientar ações no que tange à gestão democrática e participativa dos recursos naturais, como contribuição ao desenvolvimento local (SOARES et al., 2018).

Como passos seguintes a serem desenvolvidos durante a pesquisa, pretende-se obter, com a abordagem quantitativa, apresentando números que comprovam o que se pretende alcançar, e contará com dados de população, cobertura vegetal, solo exposto e água. E na abordagem qualitativa pretende compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas na pesquisa, ou seja, o conjunto de conhecimentos relevantes, adquiridos.

Quanto à pesquisa de caráter geográfico, por meio de estudo da população e expansão da cidade na floresta, na interação com o poder público, diante da gestão ambiental do território e a história oral nas interlocuções com os moradores dos bairros, com depoimento pessoal sobre as problemáticas socioambientais. E por fim, análise do conteúdo, com a sistematização dos dados bibliográficos e pesquisa de campo.

Os instrumentos e procedimentos utilizados são: Documentação: mapas, leis, ofícios, para subsidiar a pesquisa. Questionário com perguntas estruturadas: para o poder público local, com perguntas objetivas, subjetivas e alternativas de múltiplas escolhas, analisando o olhar da administração municipal diante da gestão ambiental. Entrevista não diretiva, um diálogo totalmente livre, com os moradores dos bairros da cidade, sobre o uso do solo e os impactos ambientais e culturais, advindos pela redução da cobertura florestal. E a observação, em campo, averiguando as problemáticas socioambientais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É importante analisar a expansão da cidade, adentrando na floresta e consumindo os espaços rurais de roças, sítios e fazenda a partir de sua culminância: o surgimento de novos bairros, quadriculas territoriais em que se tecem os encontros entre floresta e cidade.

Para Castro (2009) as cidades na Amazônia são demarcadas pela presença da floresta. Nesse sentido é necessário abordar os recursos naturais (água, vegetação,

solo etc.) presentes na área urbana, com o intuito de analisar as problemáticas culturais e ambientais em Melgaço. Para Becker (2013, p. 48):

(...) São pequenos núcleos que se emanciparam com fraca ou nenhuma infraestrutura, tendo como base econômica o repasse de recursos públicos e, embora apresente, uma estrutura de cidade, carecem de atividades econômicas, caracterizadas como urbanas(...).

Castro (2009) lembra que o processo de formação espacial das cidades amazônicas contrasta fases distintas de modos de ocupação. Nos espaços urbanos, as mudanças são constantes, e refletem reorganizações espaciais na escala regional. Para Oliveira (2006, p. 27-29):

O ser humano, interfere no meio natural, a fim de atender as suas necessidades, um espaço agradável a sua sobrevivência, acompanhando o dito desenvolvimento, da modernidade. Os diversos agentes produtores do espaço urbano, buscam defender seus interesses.

Ribeiro (2017) em pesquisa sobre as cidades do nordeste do estado do Pará estabeleceu uma tipologia de formações, tendo forte influência em sua periodização a questão do modal de circulação. Castro et al. (2019), Rocha, Soares e Moraes (2019) e Soares (2021) chegaram mesmo a estabelecer periodizações das dinâmicas territoriais e da formação das cidades de acordo com os eixos de produção e circulação, para a zona costeira paraense. Para o caso da capital, há trabalhos que como o de Castro (2017) e Sombra et al. (2018) que ilustram como a organização espacial intraurbana corresponde a dinâmicas territoriais regionais.

Para Haesbaert (2021), esses espaços configuram territórios de poder profundamente desiguais. Para Leff (2015), por meio da ecologia política, é importante desconstruir a racionalidade insustentável da modernidade capitalista, através de mobilizações sociais na direção da construção de um futuro sustentável, no qual os recursos naturais possam estar em consonância com as atividades culturais, num pensamento emancipatório e em uma ética política para renovar o sentido e a sustentabilidade da vida.

As transformações dinâmicas do espaço geográfico em países periféricos costumam escapar ao planejamento estatal, e quando este ocorre, nem sempre ocorre de forma democrática e participativa (SOARES et al., 2018). Nesta perspectiva, é relevante considerar que a migração e o aumento demográfico relativo tem provocado elevação do número de empreendimentos públicos e privados, culminando para a perda da vegetação na cidade de Melgaço.

Desse modo, Leff (2010) menciona que a degradação do ambiente e a destruição dos recursos naturais culminam na desintegração dos valores culturais, dos saberes das comunidades tradicionais. Para Sarraf-Pacheco (2006, p. 78):

Os moradores são incentivados por necessidades, interesses, desejos, vontades de superar barreiras(...), homens e mulheres dotados de identidade que oscilam entre o mundo rural/florestal e o mundo urbano/litorâneo, originando a “cidade- floresta” melgacense.

Neste contexto, para ocupar esses núcleos urbanos, os gêneros de vida urbanos forjam-se em consonância com os gêneros de vida rurais. Assim, ocorre o surgimento de áreas antropizadas, com o uso do solo e conseqüente diminuição da vegetação, sem planejamento dos impactos das atividades de desenvolvimento.

O próprio poder público que deveria zelar por sempre seguir a legislação costuma patrocinar ou construir intervenções e objetos sem preocupação com as áreas de proteção permanentes (APPs) urbanas, com as margens dos rios sendo continuamente aterradas, assoreadas e convertidas em vias públicas rodoviárias. Este contexto, um tanto quanto padronizado na Amazônia, conforme lembram Costa et al. (2021), reverbera na ausência de justiça social nos termos de Alier (2007), que claramente dialogam com as questões apontadas por Santos (2013) para reclamar da justiça ambiental, e de Cruz (2013) e Lima (2015), sobre justiça territorial.

Dessa forma, como lembra Nunes (2016) é importante a técnica cartográfica na configuração do bairro para situar limites, com as políticas públicas local de gestão do território. Diante dessa perspectiva, Costa (2016) descreve a situação do Estado em se fazer relevante para um posicionamento com estratégias de desenvolvimento territorial. Para tal, é preciso incorporar o sentido da territorialidade social, levando em consideração tanto o “território em si”, quanto o “território usado” nos termos de Santos e Silveira (2001)

Ao levantar informações para caracterizar e identificar o uso do solo por empreendimentos urbanos, percebeu-se a redução da cobertura vegetal na cidade, os impactos ambientais e culturais, juntamente com as possibilidades para sugestão de propostas dos moradores para uma cidade sustentável. Assim, faz-se necessário uma interpretação dos resultados, como fotografias e mapa de expansão urbana, sendo somente base para a produção da Cartografia Participativa.

Na Figura 1, é perceptível a abertura de ruas improvisadas por proprietários de terrenos em espaços que eram roças em temporalidade anterior. Essas roças estão

sendo transformadas em ruas, com finalidade de vendas de lotes de terrenos, conseqüentemente, ocorrendo o avanço da cidade para a floresta.

A Figura 2 retrata um lago que foi aterrado e transformado na rua Princesa Izabel, que ainda é reconhecida por muitos moradores como “rua do laguinho”. Nessa porção do espaço é permanente as inundações nas residências, principalmente no período do “inverno amazônico”.

Figura 1 — Floresta que foi suprimida para a construção rua, Melgaço, Pará.



Fonte: Autor próprio (2022).

Figura 2 — Lago aterrado para construção de rua, Melgaço, Pará.



Fonte: Autor próprio (2022).

A produção do mapa da Figura 3, foi elaborada através do geoprocessamento, para ser utilizada como carta-base para a oficina de Cartografia Participativa (Figura

4), conforme a metodologia, preconizada por Silva et al. (2021), Sombra et al. (2021) e Sombra, Rodrigues e Pinho (2022).

Figura 3 — Carta base. Expansão urbana da cidade de Melgaço, Pará.



Fonte: Autor próprio (2022).

A oficina foi realizada na cidade de Melgaço e destacou a expansão urbana, com os limites dos bairros Tabocal, Miritizal, Tucumã, Bairro Centro e Bairro Projeto de Deus, o mais novo bairro da cidade. Assim, também, como os recursos hídricos, a Baía de Melgaço ou Baía dos Guarycurus, lago do Japiim, e Igarapé Tabocal.

As imagens em destaque na Figura 4 representam o desenvolvimento da cartografia participativa, em parceria com os moradores dos bairros da cidade. Nesse sentido, a pesquisa utiliza a metodologia e incorpora o espírito do que afirmam Sombra, Rodrigues e Pinho (2022, p. 49), que afirmam que:

A especificidade da Cartografia Participativa, no âmbito da Cartografia em geral, marcando-a como uma proposição de objeto intermediário para o uso da ciência com fins contra hegemônicos. (...) A cartografia participativa é definida como uma linguagem espacial construída a partir do diálogo entre saberes, ciência e saberes locais. (...).

Logo, contendo produções referentes referente ao uso do solo e relatos sobre os desafios ambientais, ocasionados pela expansão da cidade e redução da cobertura florestal, com propostas direcionadas a possíveis soluções. Tendo como finalidade,

ser base de elaboração de cartilha, com relatos dos moradores, mapa de vegetação, recursos hídricos e uso do solo, como proposta de produto da pesquisa.

Figura 4 — Cartografia participativa, bairro Miritizal e bairro Tabocal, Melgaço, Pará.



Fonte: Autor próprio (2022).

A partir das informações de entrevistas, questionários e observações de campo, é perceptível analisar e comparar as ações antrópicas sobre o meio natural. Assim, também a observação de ações efetivas e eficazes, segundo os moradores (2022), para uma sensibilização ambiental, em consonância com os recursos naturais, voltados para um desenvolvimento sustentável na cidade é preciso uma educação ambiental, tal como frisa Leff (2009) como um processo dialógico que fertiliza o real e abre as possibilidades para que se chegue a ser o que ainda não é.

O dialogar, o reconhecer sobre a importância do meio ambiente, são caminhos a serem trilhados que permeiam o desenvolvimento sustentável no presente e para futuras gerações. Pois, é observável que a cidade cresce em direção a floresta, originando recentes bairros localizados próximos de uma estrada, denominada Melgaço Janguí.

Os empreendimentos urbanos, como ruas, praças, prédios, iniciaram primeiramente na orla da cidade, e que se expandiu a partir de 2000 em outras direções da cidade. Neste sentido, é notório que a diminuição da vegetação é preocupante, para os moradores da cidade, surgindo as possibilidades por meio de relatos, de ações voltadas para ambientes sustentáveis na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar esse artigo síntese de uma pesquisa em elaboração, contemplando a expansão da cidade de Melgaço adentrando à floresta, com a formação dos bairros e

os desafios culturais e ambientais, é necessário propor um desenvolvimento socioambiental. Para tal faz-se necessário considerar a efetivação de políticas públicas de gestão ambiental do território, para possíveis soluções dos impactos vivenciados na área/lócus.

No cenário da região Amazônica, realiza-se o fenômeno dos empreendimentos urbanos instalados neste espaço regional. Assim, é notória a força devastadora desses espaços na cidade, sobre a cultura e meio ambiente em Melgaço.

O verdadeiro desenvolvimento local sustentável, só pode ser erigido a partir do envolvimento dos sujeitos locais, principalmente em favor dessas comunidades locais, em seu intrínseco dinamismo harmônico com o meio ambiente, em pró do futuro sustentável. Assim, a referida pesquisa, apresenta principais resultados, que contribuirão para a efetivação de práticas relacionadas à cultura e meio ambiente. Um repensar e um conhecer para atuar com sabedoria ambiental.

Portanto, o objeto de estudo, em andamento, já apresenta alguns resultados de observações físicas do espaço urbano em análise, as interações com parcela do poder público e com moradores local, por meio de produção de mapa participativo e narrativas sobre o uso do solo da cidade de Melgaço e os desafios socioambientais vivenciados, com sugestões e perspectivas para um desenvolvimento justo e sustentável da cidade.

A pesquisa segue em desenvolvimento de um produto técnico que possa auxiliar na compreensão do papel do poder público municipal e dos atores sociais urbanos nessa dinâmica de atenuar os impactos ambientais em busca do desenvolvimento sustentável das cidades amazônicas que não reproduza a expansão despreocupada sobre a floresta e os rios, sem políticas de mitigação.

## REFERÊNCIAS

ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres: o Estado e outros atores.** São Paulo: contexto, 2007.

ALVES, O. J. A. **Desterritorialização produtiva no Marajó: análises geográficas no município de Breves pós-declínio da atividade madeireira (2000-2015).** Belém: GAPTA/UFPA, 2020. Disponível em: [https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/924/1/Livro\\_Desterritorializaca\\_oProdutivaMarajo.pdf](https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/924/1/Livro_Desterritorializaca_oProdutivaMarajo.pdf). Acesso em 10 ago. 2022.

BECKER, B. **A urbe amazônica: a floresta e a cidade.** Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

CASTRO, C. J. N. Belém: da formação da cidade à atuação dos agentes do sistema de transporte urbano. In: SILVA, C. N.; LUZ, L. M.; PONTE, F. C.; RODRIGUES, J. E. C. (Org.). **Belém dos 400 anos: análises geográficas e impactos antropogênicos na cidade**. Belém: GAPTA/UFPA, 2017, p. 275-296. Disponível em: [https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/821/1/Livro\\_Belem400Anos.pdf](https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/821/1/Livro_Belem400Anos.pdf). Acesso em 10 ago. 2022.

CASTRO, C. J. N.; SOMBRA, D.; BARROS FILHO, J.; SOUSA, N. Da importância estratégica na economia colonial aos processos de fragmentação territorial no Nordeste Paraense: dinâmicas territoriais e reprodução do espaço rural no município de Maracanã (Pará/Brasil). **GeoUERJ**, Niterói, n. 35, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2019.32708>. Acesso em 10 ago. 2022.

CASTRO, E. M. R. **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

COSTA, A. M. S.; BEZERRA, P. E. S.; OLIVEIRA, R. S. Análise da temperatura da superfície terrestre associada a dinâmica do uso e ocupação do solo nos municípios de Belém e Ananindeua, Pará, Brasil. **Anais 6º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal**, Cuiabá, MT, 22 a 26 de outubro 2016. Embrapa Informática Agropecuária/INPE, p.957-967. Disponível em: <https://www.geopantanal.cnptia.embrapa.br/2016/cd/pdf/p107.pdf>. Acesso em 10 ago. 2022.

COSTA, F. E. V.; SOARES, D. A. S.; BRASIL, A. P. M. S.; SILVA, S. L. B.; RODRIGUES, V. V.; CYRUS, A. R. C.; URBANO, F. W.; PEREIRA, S. C. O. N.; PAZ, M. M. A complexidade da questão dos rios urbanos nas cidades amazônicas: o caso de Belém/PA. In: RIBEIRO, W. O.; BRASIL, A. P. M. S.; COSTA, F. E. V. (Org.). **Cidades amazônicas: formas, processos e dinâmicas recentes na região de influência de Belém**. Belém: EDUEPA, 2021, p. 240-274. Disponível em: [https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2021/03/cidades\\_amazonicas.pdf](https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2021/03/cidades_amazonicas.pdf). Acesso em: 26 set. 2022.

COSTA, M. J. B.; VASCONCELLOS SOBRINHO, M. Turismo sustentável na orla urbana da cidade de Belém (PA). In: ROCHA, G. M.; BASTOS, R. Z.; FLORES, M. S. A; MENDES, R. L. R. (Org.). **Cidades, comunidades e territórios: problemas socioambientais, ações sustentáveis e reordenamento territorial**. Belém NUMA/UFPA, 2018, v. 1, p. 179-208.

CRUZ, V. C. Das lutas por redistribuição por terra às lutas pelo reconhecimento de territórios: uma nova gramática das lutas sociais? In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013, p. 119-176.

FENZL, N.; SOMBRA, D.; CANTO, O.; FARIAS, A.; NASCIMENTO, F. Os “Grandes Projetos” e o processo de urbanização na Amazônia brasileira: consequências sociais e transformações territoriais. **InterEspaço**, Grajaú (MA), v. 6, p. 1-25, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.18764/2446-6549.e202002>. Acesso em 10 ago. 2022.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO; Niterói:

UFF, 2021. Disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf>. Acesso em 10 ago. 2022.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Trad.: S. Martins. 3ª Ed. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental e diálogo de saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9515>. Acesso em 10 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. **Ecologia, Capital e Cultura**: a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. Ecologia política: uma perspectiva Latino-Americana. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 35, p. 29-64, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v35i0.44381>. Acesso em 10 ago. 2022.

LIMA, I. A complexidade da justiça territorial. **Ensaio de Geografia**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 50-70, 2015. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/ensaios\\_posgeo/article/view/36283](https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/36283). Acesso em 10 ago. 2022.

LITTLE, P. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 85-103, 2006. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000100005>. Acesso em 10 ago. 2022.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2012.v14i28.a13641>. Acesso em 10 ago. 2022.

NACHMIAS, C. F.; NACHMIAS, D. **Research methods in the social sciences**. 6th Ed. New York: Worth Publishers, 2000.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

RIBEIRO, W. O. **Interações espaciais na rede urbana do Nordeste do Pará**: particularidades regionais e diferenças das cidades de Bragança, Capanema e Castanhal. 356f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150578>. Acesso em 10 ago. 2022.

RIST, G. **The history of development**: from Western origins to global faith. Tradução de: P. Camiller. 3rd Ed. New York: Zed Books, 2011.

ROCHA, G. M.; SOARES, D. A. S.; MORAES, S. C. Dinâmicas territoriais na zona costeira do estado do Pará. **Confins**, São Paulo, v. 42, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.24132>. Acesso em 10 ago. 2022.

SANTOS, C. F. O que é justiça ambiental. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 31, n. 3, p. 161-163, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v31i3.19231>. Acesso em 10 ago. 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, M. **A urbanização desigual**. 3ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARRAF-PACHECO, A. **Às margens do Marajó: cotidianos, memórias e imagens da cidade Floresta-Melgaço-PÁ**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

SILVA, C. N. Prefácio. In: SILVA, J. M. P.; CHAGAS, C. A. N.; SILVA, C. N. S. (Org.). **Geografia na Amazônia Paraense: territórios e paisagens**. Belém: GAPTA/UFPA, 2015.

SILVA, C. N.; MARINHO, V. N. M.; SANTOS, Y. A.; FERREIRA, G. C.; REIS NETTO, R. M.; ARAÚJO, A. R. O.; DIAS, R. D.; VERBICARO, C. **A cartografia social e o mapeamento participativo na análise do espaço geográfico**. GAPTA/UFPA, Belém, 2021.

SOARES, D. A. S. **Produção do espaço, dinâmicas territoriais e vetores técnicos na zona costeira do estado do Pará: uma geografia da subsunção e das exterioridades – uma geografia das águas**. 405f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.10853.12006>. Acesso em 10 ago. 2022.

SOARES, D. A. S.; MORAES, M. P.; ALVES, C. N.; CASTRO, C. J. N.; QUARESMA, M. J. N.; LOBATO, M. M. Gestão de recursos naturais e desenvolvimento local na Zona Costeira Paraense: ordenamento territorial autoritário versus gestão democrática dos recursos. In: SILVA, C. N.; OLIVEIRA NETO, A. C.; SOBREIRO FILHO, J. (Org.). **Perspectivas e análises do espaço geográfico: dinâmicas ambientais e uso dos recursos naturais**. Belém: GAPTA/UFPA, 2018, p. 115-148. Disponível em: <http://gaptaufpa.blogspot.com/2018/06/livro-para-download-perspectivas-e.html?m=1>. Acesso em 10 ago. 2022.

SOMBRA, D.; CANTO, O.; CASTRO, C. J. N.; QUARESMA, M. J. N. Cartografia temática e cartografia participativa: contribuições para uma abordagem materialista do tripé ensino-pesquisa-extensão. In: LEMOS, F. et al. (Org.). **Formação em psicologia social e sociologias insurgentes: tramas históricas em educação libertária**. Curitiba: CRV, 2021, p. 289-315. Disponível em: <https://doi.org/10.24824/978652512016.4>. Acesso em 10 ago. 2022.

SOMBRA, D.; LEITE, A. S.; QUARESMA, M.; MORAES, M. P.; ALVES, C. N. Crônica espacial de Belém: espaço geográfico e classes sociais. **GeoDiálogos**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 15-56, 2018. Disponível em: <https://www.geografia.blog.br/gdn09v0102/>. Acesso em 10 ago. 2022.

SOMBRA, D.; RODRIGUES, G. P.; PINHO, D. R. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Ensaio de Geografia**, Niterói, v. 8, n. 16, p. 45-74, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/eg.v8i16.52257>. Acesso em 10 ago. 2022.